

**REINO UNIDO /** Após uma semana tensa sob o ataque de seu próprio partido, que ameaça sua continuidade como primeira-ministra, Liz Truss substituiu seu recém-nomeado ministro das Finanças, mas insiste em economia "sólida"

# Na batalha para permanecer no cargo

Daniel Leal/AFP



Em uma tentativa de estabilidade política, Truss transferiu o comando do Tesouro britânico de Kwasi Kwarteng para Jeremy Hunt

Durante uma reunião de crise com seu ministro das Finanças, Jeremy Hunt, ontem, a primeira-ministra britânica, Liz Truss, insistiu em seu apego a uma economia "sólida", após uma semana tensa sob o ataque de seu próprio partido que ameaça sua continuidade no cargo.

A erosão da confiança começou em 23 de setembro, quando Truss revelou seu programa ultraliberal, inspirado nas políticas do presidente americano Ronald Reagan nos anos 1980, para implementar um corte de 45 bilhões de libras (US\$ 50 bilhões) em impostos, financiados exclusivamente por um aumento da dívida. Os mercados despencaram, o que fez as taxas de dívida e o Partido Conservador afundar nas pesquisas.

Sob uma onda de críticas, Truss admitiu que foi doloroso demitir Kwasi Kwarteng do cargo de ministro das Finanças. Mas, ontem, escreveu no jornal *The Sun on Sunday*: "Você não pode pavimentar o caminho para uma economia com impostos baixos e alto crescimento sem manter a confiança do mercado na força de nossa moeda".

O recém-nomeado ministro das Finanças, Jeremy Hunt, insistiu que a primeira-ministra mantém o controle de seu governo, apesar de precisar reverter suas políticas econômicas que foram sua assinatura durante a campanha para o cargo. Ele disse que a tributação aumentará e os gastos públicos encolherão, apesar da crescente crise do custo de vida do Reino Unido. Ele afirmou ter ficado surpreso ao receber o chamado para retornar ao Gabinete — depois de já ter servido em dois governos conservadores anteriores —, mas ficou honrado por compartilhar o desejo de Truss de priorizar o crescimento econômico. "Ela mudou a maneira como vamos chegar lá, mas não mudou o destino, que é fazer o país crescer", disse.

Jeremy Hunt apontou erros do governo de Liz Truss e sugeriu que reverterá os planos de corte de impostos da primeira-ministra após semanas de turbulência econômica e política. Nomeado na sexta-feira, disse que os impostos podem aumentar e os gastos públicos provavelmente serão espremidos ainda mais nos próximos meses e que Truss reconhece seus erros e vai corrigi-los.

"Foi errado cortar a taxa máxima de imposto para os mais bem pagos em um momento em que teremos que pedir sacrifícios de todos para passar por um período muito difícil", falou à BBC. "Os gastos não aumentarão tanto

quanto as pessoas gostariam e todos os departamentos do governo terão que encontrar mais eficiência do que planejavam. E alguns impostos não serão cortados tão rapidamente quanto as pessoas querem", comentou ele.

Hunt, que concorreu duas vezes na disputa pela liderança do Partido Conservador, é um legislador experiente que já ocupou cargos importantes no governo, incluindo o de secretário de Relações Exteriores. Seus comentários sugerem que ele pode desmantelar muitas das promessas econômicas pelas quais Truss fez campanha e tentou implementar durante suas primeiras semanas no cargo.

## Sobrevivência

"Truss luta por sua sobrevivência", disse a manchete do *The Times* no sábado, ao afirmar que "mesmo em Downing Street, altos funcionários acham que é apenas uma questão de tempo até que ela seja forçada a sair". Já o *Daily Telegraph* publicou em sua primeira página: "Truss se agarra ao poder". Segundo o jornal conservador, parlamentares continuam conspirando para que ela deixe a liderança do Executivo o mais rápido possível. Para o *Financial Times*, "a única coisa que une o partido é a falta de confiança em Truss". (Com agências internacionais)



**Você não pode pavimentar o caminho para uma economia com impostos baixos e alto crescimento sem manter a confiança do mercado na força de nossa moeda"**

Liz Truss, primeira-ministra do Reino Unido

## "Plano era um erro"

Enquanto Liz Truss tenta sobreviver ao cargo pouco mais de um mês depois de ter assumido, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, fez críticas diretas ao seu antigo plano econômico. Segundo ele, a ideia de cortar impostos dos mais ricos era um erro e disse estar preocupado que as políticas fiscais de outras nações possam prejudicar os EUA em meio à inflação mundial. Biden disse que era previsível que a nova primeira-ministra do Reino Unido fosse forçada a desistir dos planos de cortar impostos sem identificar como custearia, depois que a proposta de Truss causou turbulência nos mercados financeiros globais. Ele marcou uma crítica incomum de um presidente dos EUA às decisões de política doméstica de um de seus aliados mais próximos.

"Eu não fui o único que achou que era um erro", disse Biden. "Eu discordo da política, mas isso depende do Reino Unido."

Seus comentários vieram depois de semanas de funcionários da Casa Branca se recusando a criticar os planos de Truss, embora enfatizassem que estavam monitorando de perto as consequências econômicas. Ele estava falando com repórteres em uma sorveteria do Oregon, onde fez uma parada não anunciada para promover a campanha da candidata a governadora pelo Partido Democrata, Tina Kotek, enquanto os democratas de todo o país enfrentam um ambiente político difícil em meio às críticas do Partido Republicano à maneira como lidam com a economia.

Em 8 de novembro, os EUA passarão por eleições de meio de mandato para renovar o Congresso e parte do Senado.

## CHINA

# Xi Jinping pede "unidade" ao PCC

O presidente chinês, Xi Jinping, pediu "unidade" e defendeu sua política de combate à covid-19 e à corrupção, na abertura, ontem, do 20º Congresso do Partido Comunista da China (PCC), no qual deve receber um histórico terceiro mandato.

Se tudo correr como previsto, o dirigente de 69 anos deve ser ratificado como secretário-geral do PCC dentro de uma semana, um prelúdio para sua reeleição no ano que vem como presidente da China. Consolidada-se, assim, como o líder mais poderoso desde Mao Zedong.

O congresso acontece "em um momento crítico, em que todo partido e a população de todos os grupos étnicos embarcam em uma nova viagem para construir um país socialista modernizado", disse Xi aos quase 2.300 delegados reunidos no Grande Salão do Povo de Pequim. "A união faz a força, e a vitória requer unidade", acrescentou.

Ovacionado em sua chegada, Xi discursou por mais de uma hora e meia. Em sua fala, elogiou sua gestão da pandemia, com uma política restritiva de "covid zero" ainda em vigor, apesar de seu impacto econômico.

O encontro quinquenal acontece no Grande Salão do Povo, na Praça da Paz Celestial, em Pequim, em meio a fortes medidas de segurança e sob um rigoroso protocolo de "covid zero". A manutenção, ou não, desta política foi uma das questões que cercaram o conclave diante dos problemas cotidianos e econômicos causados por ela. Apesar disso, Xi defendeu firmemente essa estratégia, a qual, segundo ele, pôs "a população e suas vidas em primeiro lugar".

A China "protegeu a segurança e a saúde no mais alto nível e conseguiu significativos resultados positivos, ao coordenar o controle e a prevenção da epidemia com o desenvolvimento

Selim Chtayrt/AFP



econômico e social", disse ele.

O quase isolamento que a China se impõe em relação ao restante do mundo e os repetidos confinamentos sufocaram o crescimento de sua economia. Este ano, seu desempenho pode ser o mais baixo em quatro

décadas, com a exceção de 2020.

Xi também defendeu seu tratamento de duas questões muito delicadas para Pequim: os protestos pró-democracia e a posterior repressão em Hong Kong, que, em sua opinião, passou "do caos à governança", e as tensões

sobre Taiwan. O presidente chinês denunciou a interferência de "forças externas" nesta ilha com um governo autônomo. "Vamos tentar buscar a perspectiva de uma reunificação pacífica com a maior sinceridade e os maiores esforços, mas nunca nos

Em congresso partidário, o presidente chinês elogiou sua gestão da pandemia, com política restritiva ainda em vigor

comprometeremos a abandonar o uso da força", assegurou.

Sob os delegados, Xi também enfatizou que "a influência internacional da China, sua atratividade e sua capacidade de moldar o mundo aumentaram significativamente".

## Anticorrupção

Em seu discurso, Xi Jinping também elogiou sua campanha anticorrupção, considerada por alguns críticos como uma ferramenta para eliminar rivais internos e consolidar seu poder. "A luta contra a corrupção conseguiu uma vitória esmagadora e se consolidou, de forma exaustiva, eliminando graves perigos latentes dentro do partido, do Estado e do Exército", frisou.

Segundo dados oficiais, pelo menos 1,5 milhão de pessoas foram punidas por esta campanha lançada por Xi quando chegou ao poder, em 2012.